

DA SOLITUDE DO DESEJO: ESTÉTICAS HOMOERÓTICAS NA VELHICE

Tâmara Duarte de Medeiros; Ulysses de Araújo Lima; Rafael Venâncio; Hermano de França Rodrigues

Universidade Federal da Paraíba – tamaraduarte.br@gmail.com

Resumo: O envelhecer é um processo natural, ao qual, o ser humano está sujeito desde o dia em que nasce, por outro lado, os discursos que versam sobre este decurso não o são, porque, foram construídos sócio-historicamente. Em vista disso, a sociedade ocidental, movida pela ideologia judaico-cristã, impõe ao homem que envelhece um lugar, por vezes, circunscrito pelo abandono, pela dor da solidão e da enfermidade, de modo que os idosos não sentem mais vontade de desfrutar dos anos que lhes restam de vida. Neste sentido, o filme *Gerontophilia*, produzido e dirigido por Bruce LaBruce, em 2013, distancia-se dos valores vigentes na contemporaneidade acerca da terceira idade, quando traz, para o papel central, um personagem que se insurge contra os protocolos estabelecidos na pequena clínica de repouso, onde reside. Na narrativa, em foco, o senhor Peabody, homem de pouco mais de 80 anos, se envolve com o enfermeiro Lake, cuja atração sexual é direcionada às pessoas mais velhas, marcadas pela ação do tempo. Esta relação, bem como outras atitudes do idoso, abre questionamentos sobre o que, de fato, significa a velhice e se, neste caso, o desejo continua vivo, apesar dos anos. Por isso, nossa pesquisa, numa conexão entre a psicanálise de base (pós)freudiana e a cinematografia, com as contribuições MARTIN (2013), pretende analisar a figura deste personagem que não se conforma com os discursos que recaem sobre sua condição.

Palavras-chave: Cinema – Psicanálise - Velhice

Preâmbulo

Gerontophilia é um filme norte-americano, produzido por Bruce LaBruce e Daniel Allen Cox, em 2013. Como o próprio título sugere, o enredo gira em torno da atração sexual do jovem protagonista por sujeitos de em idade avançada, marcados, em seu corpo, pela ação do tempo: Lake, o personagem principal, tem apenas 18 anos de idade, e esconde de seus amigos e familiares o que, de fato, o atrai sexualmente, até o dia em que conhece o divertido e insubmisso senhor Peabody, um homem já idoso, com quem inicia um romântico relacionamento, a despeito dos preconceitos das pessoas que o cerca.

A subversão aos interditos estabelecidos pela cultura, regida por ideais heteronormativos, poderia ser considerada o tema central da obra cinematográfica, uma vez que a maioria dos personagens se colocam como verdadeiros questionadores destas prescrições acerca da sexualidade, e, neste sentido, boa parte deles, ou no discurso ou na prática, são grandes críticos das ideologias em que sociedade se fundamenta. É evidente que

os dramas de outros heróis são minimizados ante o protagonista, mas, propositalmente, o diretor fez com que personagens, representantes de pensamentos subversivos, colidissem numa mesma história, há nisso uma severa crítica do filme àqueles que, questionando os interditos sociais no que se refere a mulher e sua liberdade libidinal, social e política, não é capaz de lidar com a sexualidade do outro. Talvez, isso se dê pelo fato de que, no que se refere ao sexo, há algum tipo de constrangimento, instituído pela cultura, e os seus discursos, que busca normatizar a sexualidade para que possa, conforme Foucault (2015), formular discursos que categorizassem e patologizassem o que não esteja de acordo com as regras vigentes. Assim, *Gerontophilia* é um filme que põe em xeque as concepções normatizadoras e faz cair por terra o diagnóstico, pelo qual, o protagonista poderia ser considerado um indivíduo perverso, no sentido freudiano do termo.

Não se objetiva, neste trabalho, analisar o personagem Lake, na sua singular relação com o seu objeto de desejo, mas tecer considerações acerca de seu parceiro, o senhor Peabody, que vive os dias de sua velhice em uma casa de repouso, insurgindo-se, eventualmente, contra os regulamentos do ambiente que procuram fazer com que ele se comporte em conformidade com a sua idade. De sorte que, temos por finalidade verificar o singular envelhecimento deste homem, cujo desejo sexual não diminui ou desaparece com o passar dos dias.

Por isso, em um primeiro momento, focaremos na origem do que acreditamos ser a base do discurso que atribui ao envelhecido a incapacidade de desejar, a saber, os princípios ético-religiosos; no segundo momento, tendo em vista que o nosso *corpus* é uma obra fílmica, teceremos algumas considerações no que concerne a função e o valor da imagem ao espectador e, por fim, no terceiro momento, nos valendo da psicanálise de base (pós)freudiana, investigaremos a figura do senhor Peabody, que nos prova, de antemão, o fato de que algo nele não envelheceu, apesar de seu corpo já indicar as irreversíveis ações do tempo.

1. A velhice, o cristianismo e a sexualidade

Nas sociedades hebraicas, constituídas sobre o regime político-religioso monoteísta, tanto o velho como o envelhecer era tido como resultado de uma vida obediente a Deus e, portanto, a longevidade de vida era uma dádiva divina. De acordo com os registros genealógicos do Antigo Testamento, os homens chegavam a 900, aproximadamente¹. Além

¹ Há que se notar que a forma de contagem da Bíblia quanto aos anos de vida de seus patriarcas e demais personagens, não se refere ou assemelha-se com a forma pela qual as sociedades da atualidade, estipulam o tempo de vida do homem na terra.

disso, em boa parte das histórias do Livro Sagrado dos cristãos, Deus se valia destes idosos para manifestar seu poder e sua vontade², conclamando-os a profetizar e dirigir os governantes da monarquia israelita, bem como de anunciar as destruições vindouras, caso houvesse desobediência as leis mosaicas, desta forma, notamos que, pelo menos no broto judaísmo e posterior raiz do cristianismo, a velhice gozava de prestígios em virtude de sua ligação com o sagrado.

A partir do séc. X, a. C., conforme Kamkhagi (2008) este prestígio social começou a declinar e dá lugar a uma visão pessimista acerca da velhice: a perda de física, por exemplo, é vista como um mau deprimente. Este declínio se aprofunda na medida em que o povo hebreu, recebe a influência do mundo helênico, o qual, cultua o jovem e belo corpo, em detrimento do velho que se decrepita com a passagem de seus pesados dias:

Os escritos desta época, influenciados pela cultura helênica, passam a retratar o idoso como decadente. A imagem do idoso passa a ser também vista como a de um velho libidinoso, que não pode mais desfrutar do amor e dos prazeres carnis (KAMKHAGI, 2008, p.29).

Dessa forma, o idoso perde o lugar idealizado de conselheiro, profeta e sábio e é colocado como o ser cujas incapacidades o inibem, naturalmente, das atividades que os jovens podem se dar ao luxo de executar, a saber, entregarem-se ao amor.

O cristianismo, por sua vez, herdeiro do monoteísmo judaico, buscou normatizar os comportamentos de seus fiéis, para que os diferenciasses dos pagãos, que se doavam aos prazeres da carne, projeto não mais inalcançável quanto inútil, pois, os povos bárbaros que derrubaram o Antigo Império Romano, continuavam com suas antigas práticas, com algumas alterações. Somente com as mudanças socioeconômicas, os povos tornaram-se maleáveis a ação doutrinária da Igreja que teve, como cúmplice, a medicina. No séc. XIX, a ciência, validando o discurso religioso, elaborou uma série de prescrições médicas quanto a sexualidade, fazendo a distinção entre o que era natural e normal do que podia ser considerado perverso. Na verdade, de acordo com Foucault (2015), com o sexo posto em discurso, a sexualidade passa a ser falada, e bastante comentada, restando aquelas outras, que não se adequam ao padrão, o campo da segregação e do indecifrável.

Por este ângulo, aos velhos foi dado o interdito: não mais podem gozar de uma liberdade libidinal, pois, devido a sua idade e as doenças que lhe são atribuídas, eles não podem mais se entregar ao amor em que haja o desejo sexual envolvido. Em tese, quando

² Caso de Sara, que, apesar de estar em idade avançada, gerou o seu único filho, Isaac, por vontade de Deus.

envelhecemos, deixamos de desejar, tornando-nos meros espectadores da vida, não mais sujeitos atuantes. O filme *Gerontofilia* bate de frente com os (pré)conceitos da sociedade ocidental, ao colocar, nos dois extremos, e juntos, um velho e um jovem, bem apessoado, de apenas dezoito anos, sexualmente atraído por este idoso, cujo desejo é desperto pelas marcas da velhice que há em um corpo considerado já aposentado e abandonado pela família.

2. A imagem filmica: a arte de transmitir uma historia de amor

Gerontophilia é um filme canadense dirigido pelo diretor [Bruce La Bruce](#), exibido em 2013, com a duração de 90 minutos, a obra é ambientada na contemporaneidade, aliando um roteiro simples e inteligível, com um conjunto de personagens já definidos, desde os primeiros minutos de exibição: Desiree, é uma feminista, cujo objetivo é fazer uma lista de mulheres revolucionárias a fim de poder se comparar a elas; Cashier, uma enfermeira-chefe, desajeitada, que se relaciona com alguns homens, por diversão e, finalmente, o protagonista Lake, que, dos demais personagens, se difere por aquilo que dá nome ao filme: o seu desejo por sujeitos idosos.

O garoto, com a idade de dezoito anos, não consegue se adaptar aos empregos que arranja quando, por causa de algum evento inesperado, ele é posto de frente com o seu(s) objeto(s) de desejo, sempre se envergonhando de acabar expondo a sua excitação sexual involuntariamente. Lake, no entanto, é convidado pela mãe para ir trabalhar como enfermeiro-assistente na clínica de repouso que ela administra e é lá que o rapaz tem as mais excitantes experiências eróticas em contato com os idosos que estão internados. Apesar de estar no lugar onde sempre quis, Lake não se contenta somente com os toques, e, rapidamente, busca um parceiro, com o qual possa se relacionar e saciar o desejo que o consome de dia e de noite. O Peabody, se coloca como este parceiro, e nada indaga ou pergunta acerca das preferências do rapaz, posto que, se sente atraído, sexualmente, por Lake, com quem inicia um romance as escondidas. Ambos sabem que as pessoas ao que os cercam não entenderiam as razões que levaria um jovem a se relacionar com um idoso e, devido a este tabu, tentariam separá-los, o que acontece pouco depois.

É interessante notar que o filme se desloca, com bastante facilidade, do gênero comédia para o erótico, sem que isso implique, necessariamente, um diálogo que indique este movimento. Na realidade, ele se vale de um elemento fundamental, a imagem, que representa o corpo do idoso e do jovem, sempre em lados opostos, a fim de que, o espectador, tenha em

mente a diferença não só de idade, mas estética que é, para o protagonista, a razão de seu desejo pelo velho senhor.



O que se busca, sobretudo, é a identificação do espectador, a fim de que ele possa se permitir entender o drama do personagem principal, porque, supomos, devido aos discursos acerca do sexo e da sexualidade, historicamente instituídos, como exposto acima, talvez Lake fosse tido como um perverso sexual, no sentido freudiano do termo³, por isso, além da abordagem polêmica, o diretor embasou boa parte dos acontecimentos numa história. Deste modo, poucas palavras, no que tange as personagens centrais, são utilizadas e, em seu lugar, as imagens dão um sentido romântico as cenas do casal.

Há, portanto, uma defasagem importante entre a palavra e a imagem. Cabe perguntar então como o cinema consegue exprimir ideias gerais e abstratas. Primeiro, porque toda imagem é mais ou menos simbólica [...] Mas, sobretudo porque a generalização se opera na consciência do espectador, a quem as ideias são sugeridas com uma força singular e uma inequívoca precisão pelo choque das imagens em si: é o que se chama montagem ideológica. (MARTIN, 2013, p.23)

Não à toa que o filme foi indicado cinco vezes na categoria de Melhor Filme em eventos importantes da América do Norte, ganhando duas vezes. Este reconhecimento é o sinal mais do que claro de que os objetivos do diretor foram alcançados: valendo-se da linguagem fílmica, a história foi bem recebida pela crítica e, também, pelo público.

3. O desejo não envelhece

Chegamos ao momento de nossa pesquisa em que nos propomos analisar os aspectos concernentes ao envelhecimento humano, representado no filme *Gerontophilia*, para isso, a fim de alcançarmos o objetivo deste trabalho, é necessário que passemos a utilizar alguns conceitos de base psicanalítica para procurar entender o fenômeno discutido.

³ Freud, em *Os Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade*, publicado em 1905, considera a perversão como uma fixação em uma das fases do desenvolvimento psicosexual, ou seja, um tipo de transgressão anatômica, cujo fim não a união da genitalidade. Naturalmente, sabemos que esta tópica freudiana foi superada pelo próprio Freud e seus sucessores que deram uma noção de um compartimento perverso, ligado a questões de ordem psíquicas e que, sobretudo, não respeita a alteridade do outro.

Antes de tudo, dentro do âmbito analítico, interessa fazer uma distinção quanto ao que é, respectivamente, velhice e envelhecimento. Em primeiro lugar, conforme Mucida (2014) esclarece, o envelhecimento é um processo contínuo no qual o ser humano está sujeito desde o dia em que nasce, neste caminho, é que se instaura a velhice. “Relendo a definição oferecida pelo discurso médico sob ótica analítica, podemos afirmar que o envelhecimento não cessa de se escrever para todo ser vivente, um percurso dentro do tempo no qual todos passam do nascimento à morte” (p. 22). Em segundo lugar, ainda conforme a autora, a velhice, parte integrante neste processo, é marcada pelas perdas, de ordens diversas, que vão de encontro ao sujeito e, neste caso, ela está ligada, intrinsecamente, a laços que se perdem com o Outro. Quanto idade, esta pode ser um dos fatores que podem acarretar os sinais do envelhecimento, mas, vale mencionar, ela está ligada ao campo do discurso que, a fim de regular a estimativa de tempo de vida, se atribui ao homem⁴.

Algo no filme é bastante interessante de ser destacado, no que concerne ao senhor Peabody: este personagem, apesar de, aparentemente, ter sinais de senilidade, se mostra bastante subversivo quanto a disciplina que é lhe imposta na casa de repouso, chegando a, em alguns momentos, tentar fugir do local, sem sucesso, pois, ele só tenta praticar a fuga sob o efeito dos remédios que o deixam debilitado e, se possível, pouco ciente de suas ações.

O valor deste filme nos permite introduzir uma tese, defendida pela Mucida, com a qual concordamos: o desejo, em seu sentido erótico e psíquico, não se deteriora ou destrói com a chegada da velhice⁵. Neste sentido, ela afirma que, para a psicanálise, o sujeito do inconsciente não envelhece, ele continua, por outro lado, tão vivo quanto o dia em que foi constituído, a velhice, portanto, atualizaria ou acentuaria os processos psíquicos que introjetam o sujeito: a castração, concebida como a perda real ou simbólica, do falo, se (re)configura como a perda do que se foi e agora se é, nas palavras de Mucida, esta seria uma ferida narcísica, que afeta a própria imagem do indivíduo.

Então, o que pode ter de universal na velhice? Nos arriscamos em responder que, somente, o fato de envelhecer, mas, conforme Mucida:

Cada um envelhece apenas de seu próprio modo, e não existe uma relação de uma velhice natural, mesmo que exista um corpo que envelhece e uma pessoa que se torna mais idosa. Esse destino pessoal traçado na velhice é completamente singular, e cada um inscreverá determinada forma de gozar que lhe é própria. (MUCIDA, 2014, p.40).

⁴ Mucida (2014, p.28) aponta, com base nos textos de Simone de Beauvoir, que a velhice é “determinada em cada época e em cada cultura de forma diferenciada [...] Afirmamos, portanto, que a velhice é também um efeito discursivo.”

⁵ O id, melhor dizendo, não envelhece, enquanto cede dos desejos mais prementes e primitivos do sujeito, ao passo que o eu/ego, este sim, tem ciência de sua finitude e busca adequar-se à imagem do corpo a ideia da proximidade da morte.

Trazendo para nosso *corpus*, percebemos que o senhor Peabody, apesar de estar envelhecido, não quer se adequar aos discursos que buscam interdita-lo, informado-o de sua incapacidade. Para provar que há força de vontade e desejo, ele é um homem transgressor das regras da casa de repouso onde se encontra, chegando a consumir bebida alcoólica e fumar um cigarro as escondidas. Lake, por sua vez, possibilita que velho viva uma relação homoerótica, como, ficamos sabendo pelo próprio senhor, ele não podia ter tido quando mais jovem em vista dos tabus que regiam a sociedade de sua época e, agora que não estava mais ligado a família que formou, isto é, esposa e filhos, a sociedade não lhe permitia que tivesse um relacionamento afetivo e sexual com um rapaz mais jovem. Só resta a ambos fugir, mas, seja para dar mais dramaticidade a trama ou não, o senhor Peabody morre após uma noite em que goza dos prazeres com o jovem Lake.

Considerações finais:

Procuramos, neste artigo, à luz da psicanálise, compreender a figura da personagem senhor Peabody ante a singularidade e a realidade de seu envelhecimento, no filme dirigido e produzido pelo diretor Bruce LaBruce e Daniel Allen Cox, em 2013. Para isso, em um primeiro momento, abordamos, sócio-historicamente a (des)construção da imagem do velho, ora idealizado como um sábio, a quem o Deus de Israel teria abençoado com a longevidade, no entanto, diante da influência helênica, a velhice e o envelhecer foram tidos como fadigosos e, em lugar do sábio, estava um tipo de idoso, cujo desejo não podia, e, principalmente, não devia ser mais vivido.

No segundo momento, de nossa pesquisa, verificamos a função e o valor da imagem no filme, que se misturava com diferentes estilos ficcionais, própria a essa arte, ou seja, tanto a comédia romântica quanto ao erotismo. Neste ponto, destacamos o fato de que, tanto o protagonista quanto o senhor Peabody, serem posto sempre de um lado oposto, um do outro, a fim de que o espectador contemplasse a diferença tanto física quanto estética de ambos.

No terceiro momento, manuseando alguns conceitos analíticos de base lacaniana e freudiana, analisamos o velho Peabody, a quem os personagens ao seu redor, não o consideravam mais apto a ter qualquer tipo de atividade ou vínculo afetivo e emocional. Ainda que, discursivamente, o colocassem como inapto, o idoso intentava se insurgir contra os protocolos da clínica onde estava, chegando até mesmo a ter uma relação homoerótica com o jovem Lake, indo, evidentemente, contra qualquer expectativa acerca de que o envelhecimento não é mais o momento de se dar vasão aos desejos.

Por fim, afirmamos de que, em conformidade com Mucida (2014), no processo de velhice, o sujeito do inconsciente não envelhece, apesar do corpo está perecendo, mas que, na inevitabilidade do mesmo, cada pessoa envelhece de maneira singular.

Referências:

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 1: a vontade de saber**. Tradução: Maria Thereza da Costa Albuquerque e J.A. Guilhon Albuquerque. São Paulo: Paz e Terra, 2015.

FREUD, Sigmund. **Um caso de histeria**. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade e outros trabalhos [1901-1905].

Gerontophilia. Direção: Bruce LaBruce. Produção: Daniel Allen Cox. Canadá, 2013.

KAMKHAGI, Dorli. **Psicanálise e velhice: sobre a clínica do envelhecer**. São Paulo: Via Lettera, 2008.

MARTIN, Marcel. **A linguagem cinematográfica**. Tradução: Paulo Neves. São Paulo: Brasiliense, 2013.

MUCIDA, Ângela. **O sujeito não envelhece: psicanálise e velhice**. Belo Horizonte: Autentica Editora, 2014.